



A EMPATIA NO PROCESSES DE ENSINO DOS GRADUANDOS DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Autor (Ricardo Targino Pereira); Orientador (Profa. Dra. Márcia Rique Carício).

Universidade Federal da Paraíba – ricardismojp@gmail.com; Universidade Federal da Paraíba – marciarique@gmail.com.

RESUMO

Esse artigo é derivado de um trabalho de conclusão de curso que analisou o perfil empático dos estudantes do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, e teve como objetivo investigar o perfil empático dos estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, tendo como pressuposto a possibilidade da emoção empatia influenciar na prática de ensino desses sujeitos de maneira direta em seu trabalho como educador; desse modo, buscamos refletir sobre a importância da Educação Emocional no processo de formação do estudante de pedagogia, bem como a influência da empatia nessa formação. A compreensão do objeto de estudo foi realizada a partir de uma abordagem teórica ancorada em Rolando Toro, Elisa Gonsalves, Paulo Freire, Waal Frans, e António Damásio. O trabalho de campo foi realizado mediante a aplicação de um inventário fechado; a metodologia de pesquisa foi quantitativa e qualitativa. Inicialmente foi aplicado o Inventário de Educação Emocional Gonsalves para cinquenta educandos do curso de Pedagogia, sendo vinte e cinco estudantes do primeiro período do curso de pedagogia e vinte e cinco concluintes do mesmo curso. No segundo momento, foi utilizada a metodologia qualitativa para lapidar as informações iluminadas na primeira etapa. Os resultados produzidos demonstraram a necessidade de investir na Educação Emocional na formação do pedagogo; pois, apresentou uma dificuldade maior dos estudantes do último período em acessar a emoção empatia em determinadas situações com relação aos estudantes do primeiro período. Produzindo dados que permitiram a criação de um quadro que objetiva o desenvolvimento de habilidades empáticas necessárias para a formação de um professor.

Palavras - chave: Educação Emocional, Empatia, Pedagogia.

INTRODUÇÃO

As emoções têm sido pouco discutidas ou até negligenciadas nos ambientes escolares, porém são de fundamental importância; pois somos interligados por elas. O ambiente escolar produz ligações afetivas que devem ser valorizadas, porque podemos a partir dessas ligações, tecer diversos caminhos educacionais. Toro (2009) em seus estudos sobre a Biodanza discute a afetividade como um processo complexo, onde nas palavras de Toro (2009), a emoção é diferente dos sentimentos, pois as emoções são sentidas momentaneamente, respondem as circunstâncias já os sentimentos possuem uma duração no tempo, onde possuem componentes simbólicos.



As ligações afetivas que ocorrem no ambiente escolar não são algo simples de serem percebidas, porque as emoções são vivenciadas no momento em que ocorrem. Já os sentimentos são duradouros. Segundo Toro (2009), para poder debater sobre a importância de se trabalhar as emoções, devemos entender como ocorre em nosso corpo seus efeitos para que possamos levar essa aprendizagem para a escola.

Por esse motivo, refletindo sobre a necessidade da Educação Emocional no ambiente escolar, surgiram algumas indagações: o que é empatia? Por que traçar um perfil empático de pedagogos em formação? Qual é a importância da presença da empatia nos estudantes de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba? Qual a influência da empatia no ambiente escolar? Indagações as quais tentaremos responder ao longo desse trabalho.

Por fim, cabe ressaltar que o interesse na área de Educação Emocional voltado para a formação do pedagogo foi construído a partir da participação dos autores desse projeto no Grupo de Pesquisa em Educação e Emocional na Universidade Federal da Paraíba, atuando no desenvolvimento de estudos nesta linha. Além disso, ao participar do grupo, as leituras e as discussões ajudaram a desenvolver e aprofundar o nosso olhar sobre a Educação Emocional atrelado a formação do pedagogo como também, a vivência dos autores com essa temática, o que proporcionou a inquietação acerca da análise do perfil empático do estudante de pedagogia da UFPB, pois foi percebida uma necessidade de compreender como se encontrava esses futuros profissionais com relação ao seu olhar sobre essa questão da empatia no processo de ensino em conexão com o processo emocional articulado ao educacional.

O objetivo é investigar o perfil empático dos estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, tendo como pressuposto a possibilidade de que a emoção empatia na prática de ensino desses sujeitos podem exercer influência direta em seu trabalho como educador, partindo da premissa de que tudo que mobiliza uma ação é decorrente de uma emoção.

METODOLOGIA

O caminho metodológico foi sob as abordagens quantitativas e qualitativas. Segundo Oliveira (2012), a pesquisa quantitativa é uma abordagem que quantifica os dados através de questionários, entrevistas, como também por meio de recursos estatísticos. Já a pesquisa qualitativa, é uma abordagem que tenta explicar de forma aprofundada as características obtidas a partir da análise dos dados.



Foi trabalhado no primeiro momento da pesquisa o método quantitativo, onde trabalhou-se os achados a partir das respostas do Inventário de Educação Emocional; Gonsalves – IEEG, posteriormente utilizamos a pesquisa quantitativa para fazer a análise dos dados a partir da criação de categorias.

A aplicação do Inventário de Educação Emocional; Gonsalves – IEEG teve como objetivo o levantamento dos indicadores que delineiam o perfil empático dos estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, ou seja, nos apresentou um diagnóstico preliminar sobre a presença da emoção empatia nos estudantes de Pedagogia que participaram da pesquisa.

Foi realizada uma amostragem aleatória de uma parte significativa do grupo alvo da pesquisa, composta por estudantes do primeiro e último período do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. Por fim, a análise e interpretação dos dados teve como ênfase o processo de formação de significados a partir das respostas dos estudantes, utilizando de forma descritiva a estatística para apoiar uma interpretação subjetiva. A análise buscou evidenciar as relações existentes entre os dados obtidos e os fenômenos estudados, direcionando para a obtenção de significados mais amplos para as respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do perfil empático iniciou a partir do resultado da aplicação do Inventário de Educação Emocional Gonsalves - IEEG, que foi o instrumento de construção do material empírico, onde cinquenta (50) estudantes do curso de Pedagogia da UFPB responderam. O IEEG é composto por cento e sessenta e quatro (164) questões de múltipla escolha, onde são trabalhadas dezenove emoções, listadas a seguir: Empatia, Gratidão, Felicidade, Alegria, Amor, Altruísmo, Ciúmes, Mau Humor, Raiva, Medo, Ansiedade, Tristeza, Possessividade, Inveja, Vingança, Egoísmo, Vergonha, Aversão e Malevolência, porém neste estudo utilizamos apenas onze (11) questões que pertencem ao grupo da empatia.

O inventário foi aplicado, separadamente para ambas às turmas do primeiro e último período, sendo eles livres para respondê-las ou não; foi percebido no processo de aplicação do IEEG o quanto essas perguntas os levam a refletir e questionar as suas práticas cotidianas, percebemos que as perguntas comoveram os estudantes.

Construímos duas tabelas com as respostas dos estudantes do primeiro período, onde foi levado em consideração as suas experiências vivenciadas dentro e fora da universidade. O

mesmo foi realizado com os estudantes do último período, o que muda é a sua relação com o aprendizado do curso. Vejamos as tabelas a seguir:

Quadro 1. Frequência e percentual das assertivas do grupo Empatia do IEEG, pelos estudantes de pedagogia do primeiro período da UFPB campus I.

Assertivas	N (%)		
	Sim	Não	Às vezes
Ao me deparar com o sofrimento de alguém acabo sentindo o mesmo e tento amenizar de alguma forma (11).	18 (72%)	1 (4%)	6 (24%)
No meu cotidiano eu consigo perceber se uma pessoa não está bem emocionalmente (48).	16 (68%)	0	9 (36%)
Fico incomodado (a) quando vejo que uma pessoa está maltratando um animal (49).	24 (96%)	0	1 (4%)
Ver pessoas morando na rua me entristece (50).	24 (96%)	0	1 (4%)
Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse em seu lugar (51).	20 (80%)	0	5 (20%)
O sofrimento do outro me entristece (53).	23 (92%)	1 (4%)	1 (4%)
Tento compreender o comportamento e a situação de vida de outras pessoas (54).	21 (84%)	1 (4%)	3 (12%)
Dou atenção a uma pessoa que está com problemas (55).	19 (76%)	0	6 (24%)
Eu me sinto triste ao ver alguém chorando (128).	19 (76%)	1 (4%)	5 (20%)
Fico preocupado (a) quando vejo crianças abandonadas (129).	23 (92%)	0	2 (8%)
Escuto as pessoas com paciência e interesse (153).	19 (76%)	0	6 (24%)

Fonte: Criação do próprio autor.

Inicialmente as assertivas com repostas sim predominaram na turma de primeiro período, o que chama atenção pela quantidade expressiva de repostas positivas para a emoção empatia, sendo a questão que aborda os maus tratos aos animais um dos dados mais significativos percentualmente com 96% de respostas afirmativas, segundo eles ficam incomodados ao perceber maus tratos aos animais mostrando como os estudantes são sensíveis ao meio ambiente como um todo, percebendo assim a importância de preservação não apenas de seus semelhantes como todos os seres vivos. Frans de Waal, (2007), vem reafirmar essa empatia das pessoas com os animais quando em sua pesquisa sobre a evolução da empatia, o autor coloca em tela os vínculos empáticos entre os seres humanos e os animais, sugerindo que os animais de estimação estão ligados afetivamente, sendo até capazes de sentir o sofrimento das pessoas que cuidam deles.

Foi percebida também, a grande incidência de afirmativas demonstrando empatia ao ver moradores de rua com o percentual de 96%, o que também causa tristeza nos estudantes



reafirmando o quanto são empáticos com os seus semelhantes. Nos estudos de Gonsalves, Figueiredo e Pereira, (2015), apontam para essa questão de sensibilizar-se com situações de sofrimento e abandono quando abordam a questão da empatia como meio de compreensão dos estados emocionais dos outros. O mesmo ocorre ao ver crianças abandonadas com a porcentagem de 92%, um fator com relação a esse dado pode-se apresentar com relação à sobrevivência. Os teóricos citados defendem a ideia de que a empatia está ligada à sobrevivência por que garante a manutenção da espécie, no sentido de que se não fôssemos capazes de perceber que uma criança não sobreviveria sozinha, teríamos um grande problema na manutenção da espécie.

Outro ponto a ser destacado na tabela é o percentual de 36% respondido pelos estudantes de pedagogia, afirmando que às vezes, para a assertiva: “No meu cotidiano eu consigo perceber se uma pessoa não está bem emocionalmente”, demonstrando uma certa dificuldade em reconhecer a emoção do outro. Outro dado que também aparece na assertiva: “ao me deparar com o sofrimento de alguém acabo sentindo o mesmo e tento amenizar de alguma forma”. Onde com a junção das afirmações: “às vezes e não”, a sua porcentagem é de 28% e as assertivas que abordam as questões: “Dou atenção a uma pessoa que está com problemas”; e a assertiva: “Escuto as pessoas com paciência e interesse”. Onde aparecem com a mesma porcentagem de 24%, demonstrando uma possível dificuldade em entender o outro no contexto social e emocional.

Esses dados apresentados sobre a dificuldade dos alunos do primeiro período de sentir em determinadas situações a emoção empatia, mostram a importância da Educação Emocional no trabalho para desenvolver essas potencialidades.

Há também semelhanças nas respostas das assertivas do grupo empatia na turma do último período do curso de Pedagogia da UFPB, onde as afirmações foram em sua grande maioria, “sim”, para as assertivas voltadas para a emoção empatia. Vejamos:

Quadro 2. Frequência e percentual das assertivas do grupo Empatia do IEEG, pelos estudantes de pedagogia do último período da UFPB campus I.

Assertivas	N (%)		
	Sim	Não	As Vezes
Ao me deparar com o sofrimento de alguém acabo sentindo o mesmo e tento amenizar de alguma forma (11).	18 (72%)	1 (4%)	6 (24%)
No meu cotidiano eu consigo perceber se uma pessoa não está bem emocionalmente (48).	18 (72%)	1 (4%)	6 (24%)
Fico incomodado (a) quando vejo que uma pessoa está maltratando um animal (49).	24 (96%)	0	1 (4%)
Ver pessoas morando na rua me entristece (50).	22 (88%)	1 (4%)	2 (8%)
Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse em seu lugar (51).	10 (40%)	1 (4%)	14 (56%)
O sofrimento do outro me entristece (53).	19 (76%)	1 (4%)	5 (20%)
Tento compreender o comportamento e a situação de vida de outras pessoas (54).	17 (68%)	0	8 (32%)
Dou atenção a uma pessoa que está com problemas (55).	20 (80%)	0	5 (20%)
Eu me sinto triste ao ver alguém chorando (128).	20 (80%)	1 (4%)	4 (16%)
Fico preocupado (a) quando vejo crianças abandonadas (129).	21 (84%)	0	4 (16%)
Escuto as pessoas com paciência e interesse (153).	13 (52%)	1 (4%)	11 (44%)

Fonte: Criação do próprio autor.

Apesar dos índices elevados para o comportamento considerado empático, como na assertiva que apresenta “Fico incomodado (a) quando vejo que uma pessoa está maltratando um animal”, que trata sobre o incômodo de ver maus tratos contra animais, com sua porcentagem de 96%, afirmaram sentir esse incômodo. Algo semelhante ao primeiro grupo de estudantes do primeiro período, reafirmando sobre o vínculo empático entre alguns tipos de animais e os seres humanos, trazido no trabalho de Frans de Wal.

Como também, a assertiva sobre ver pessoas morando na rua, onde 88% afirmaram sentir tristeza ao se deparar com tal cena, reafirmando assim os estudos de Gonsalves, Figueiredo e Pereira, (2015), quando aborda a questão empática ligada à manutenção da sobrevivência dos seres humanos. Segundo os autores, “Toda autonomia do ser humano é parcial; uma planta, outro rega, outro colhe e assim uma rede de cooperação é construída” (GONSALVES, FIGUEIREDO, PEREIRA, 2015, p. 102).

Foi percebido também um considerável aumento nas afirmativas: “às vezes” ou “não”, comparadas com o primeiro grupo no que se refere às respostas, por exemplo, “Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse em seu lugar”. A



porcentagem foi de 60% para as afirmações: “às vezes” e “não”, demonstrando assim uma falta de compreensão com relação à tristeza ou mágoa que palavras ditas sem cuidado podem causar no outro. Como também na alternativa que aborda “Escuto as pessoas com paciência e interesse”, onde traz a questão de escutar o outro com paciência e atenção tendo uma porcentagem de 48%, informando que: “ às vezes” ou “não”, sentem a emoção empatia reafirmando a dificuldade de sentir o outro e suas necessidades.

Outro dado na tabela a ser destacado é a assertiva que traz a questão: “Tento compreender o comportamento e a situação de vida de outras pessoas”. Onde o seu percentual foi 32% para positivo do que para: “às vezes” ou “não”, sentem também a emoção empatia. Algo preocupante, já que no ambiente escolar encontra-se um universo de situações e comportamentos diferentes do que o educador está habituado, podendo ocorrer um distanciamento desse educador, levando-o a não conseguir lidar bem com essa diversidade para com seus educandos.

Os dados revelam que pessoas com dificuldade de sentir empatia pelo outro, não refletem o tipo de perfil de uma pessoa empática, conforme Gonsalves, Figueiredo e Pereira. Vejamos:

Apresenta uma elevada sensibilidade social: se preocupa com os problemas dos demais, os sentimentos dos outros, entre outros. Captar a comunicação não verbal dos outros: saber ler os gestos, tom de voz, entre outros demais dos estados emocionais de seus semelhantes. Saber do feedback social: são capazes de mostrar aos demais que tem captado seus sentimentos. Ser respeitosos: sabem aceitar os sentimentos e condutas dos outros com independência de que não passam. Gostar de ouvir (não ouvir), e são bons conversadores (GONSALVES, FIGUEIREDO, PEREIRA, 2015, p. 104).

O perfil empático traçado pelos autores ajuda a entender o que se espera de uma pessoa empática, o que contribui a análise dos dados dessa pesquisa, pois se fez necessário a partir das respostas dos estudantes de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, identificar como apresenta-se a emoção empatia nos mesmos.

Esses dados demonstraram que no final do curso de Pedagogia da UFPB, há uma dificuldade maior dos estudantes em acessar a emoção empatia em determinadas situações, o que não significa que eles não possuam essa emoção; porém alguns perderam a sensibilidade de entender o outro e de percebê-los. Com relação a essa dificuldade de acessar a emoção empatia, foi pensado algumas hipóteses acerca desses dados: uma das hipóteses é de que o ritmo acadêmico dificulte às vezes esse processo fazendo com que eles não possam perceber o



companheiro; outra hipótese pode ser a questão da competição profissional, o que pode acarretar também essa dificuldade.

Compreendemos que há um universo de possibilidades com relação à motivação dessa diferença dos índices empáticos da turma de concluintes de pedagogia para a turma que está iniciando o curso; por esse motivo percebemos que a necessidade de um estímulo para esses estudantes, como por exemplo: introdução na vida dos estudantes as competências emocionais, como também trazer para a discussão e prática em sala de aula esse assunto, bem como, introduzir no currículo a educação emocional, a fim de que se possa ampliar não apenas a empatia como outras emoções no processo de formação do estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em tela teve como objetivo investigar o perfil empático dos estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, sendo a pesquisa feita em dois momentos: um com a turma de primeiro período e o outro momento com a turma do último período da UFPB; bem como reconhecer a relevância da Educação Emocional para a formação do pedagogo, entendendo que os fatores emocionais funcionam como estímulos indispensáveis para o desenvolvimento cognitivo, o que possibilita o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para o ser.

A pesquisa foi realizada com os alunos do Curso de Pedagogia do primeiro e do último período, regulamente matriculados na UFPB; o instrumento utilizado foi o inventário fechado IEEG, composto por cento e sessenta e quatro (164) questões assertivas de múltipla escolha, com as seguintes opções: às vezes (AV), Não (N) ou (Sim) que está em anexo, e foi aplicado para 50 (cinquenta) alunos, sendo analisadas apenas as respostas do grupo empatia referentes ao inventário.

No que se refere ao perfil empático dos estudantes do curso de Pedagogia, foi percebido um elevado índice da emoção empatia nas respostas do inventário, algo que predominou em ambas as turmas, sendo que um dado que chamou a atenção foi o da turma de último período do curso de Pedagogia, onde apresentou uma maior dificuldade em acessar a emoção empatia em determinadas situações como, por exemplo: “Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse em seu lugar”. A porcentagem foi de 60% para as afirmações: “às vezes” e “não”, demonstrando assim uma falta de compreensão com relação à tristeza ou mágoa, ou seja, o que palavras ditas sem cuidado podem causar no outro.

Nesse sentido surge um questionamento: qual é a causa da dificuldade em acessar a



emoção empatia, Já que estão perto de se formar e começar efetivamente na prática de sua profissão como docente? Outras importantes inquietações como a necessidade de discutir e aplicar a educação emocional no ambiente escolar como um todo, já que a escola é regida por pessoas e se faz necessário um trabalho coletivo para uma maior eficácia no processo educacional. Outra inquietação é a construção de um perfil empático que possa ajudar o professor nesse processo educacional.

Com relação à causa da diminuição da frequência da empatia nos alunos concluintes do curso de pedagogia, outra hipótese é o não trabalhar a educação emocional no ambiente acadêmico, o que distancia os estudantes da concepção de que as emoções também se encontram atreladas ao processo educacional, e por ter ainda um entendimento do senso comum de que a emoção e razão são opostos, algo dicotômico. Gonsalves vem afirmar que o pensamento do senso comum acerca das emoções está atrelado a algo negativo ou piegas, separando sempre a emoção da razão, tendo a última, maior prioridade nas palavras de GONSALVES (2015).

Com relação ainda à hipótese de não ter contato com a educação emocional, o CNE traz em seu parecer de Nº:5/2005, sugerindo que é necessário “reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais e afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas”; ainda não há uma prática efetiva em trabalhar a educação emocional no curso de Pedagogia ou em qualquer outro curso; percebemos assim que esse universo acadêmico que exige muito de seus estudantes, pode ser também um dos fatores que proporcione essa diminuição na frequência da emoção empatia nos cotidianos dos estudantes de Pedagogia da UFPB.

No que se refere a essa necessidade de uma educação emocional voltada para o trabalho na docência dos futuros educadores, um possível caminho é trabalhar o currículo do curso prestigiando no seu âmago as emoções empáticas atreladas às competências, atividades e habilidades, possibilitando preparar um profissional que seja capaz de compreender o outro, uma vez que ele mesmo já tenha um maior conhecimento de si. A empatia pode favorecer nesse processo.

É preciso salientar que os educadores possuem muitas responsabilidades com relação ao seu trabalho; a complexidade da profissão docente requer o entendimento do outro, a fim de que o processo educacional seja facilitado e alcance uma eficácia maior. Nesse sentido, Gonsalves, (2012), afirma que o professor necessita de alguns conhecimentos específicos acerca de sua profissão; entre esses saberes está o tipo de competência que deve educar.

Segundo GONSALVES (2012), o professor não pode ficar limitado apenas a transferir

conhecimento, pois as novas tecnologias estão cada vez mais ao alcança dos alunos, o docente precisa compreender a si para que possa trabalhar integralmente com seus alunos, onde contribuirá para o desenvolvimento autônomo dos mesmos.

Essa pesquisa, mesmo de modo tímido, vem reafirmar a necessidade de se ter no currículo acadêmico a educação emocional; pois, percebemos que ao chegar à Universidade os estudantes possuem um comportamento mais empático e é percebida essa diminuição quando estão encerrando o curso; um dado que não pode ser deixado de lado, pois, revela que esse ambiente não está propício para o desenvolvimento da empatia; fato que não deveria ocorrer já que é um ambiente que deve proporcionar a formação de professores; logo, percebe-se então a necessidade de um olhar mais atento no que se refere à educação emocional.

Este é um desafio que todos os professores devem buscar na sua prática pedagógica: o empoderamento de si para que possa fornecer uma educação de qualidade, voltada também para o desenvolvimento da educação emocional.

REFERÊNCIAS

Brasil, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP Nº: 5/2005**. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf >. Acesso em 29 de março de 2016.

DESLANDES, S F. GOMES, R. MINAYO, M. C. S. (org) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2012.

FRANS, B. M. DE Waal, **Eu, primata: porque somos como somos**. Companhia das letras, 2007.

GONSALVES, E. P. **A curva pedagógica**. João Pessoa, editora Universidade da UFPB, 2012.

_____. **Educação e a curva pedagógica**. Campinas, SP, editora Alínea, 2014.

_____. **Educação e Emoções**. São Paulo: Editora Alínea, 2015.

GONSALVES, E. P. LIMA, F. A. (Org). **O livro das emoções: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais**. - 1 ed. – Curitiba, PR: CRV, 2015.

GONSALVES, E. P; FIGUÊIREDO, J. P; PEREIRA, F. R. T. **EMPATIA: a arte de se colocar**



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

no lugar do outro. In: GONSALVES, E.P; LIMA, F.A. Curitiba: EDITORA CRV, 2015.

TORO, R. **Afetividade**. International Biocentric foundation, 2009.

